

O “Todo Poderoso” Lula nas Relações Internacionais: Carta Capital, *Framing* e Ideologia

Célia Martins da Mota Fonseca
Faculdade 2 de Julho

Índice

1	Introdução	2
2	Considerações Finais	13
3	Referências	14

Resumo

As notícias são o resultado de conjunturas pessoais, sociais, ideológicas, culturais, etc., – ou da combinação delas –, a partir das quais os veículos constroem e disseminam seus discursos. No processo de construção da informação, cada veículo tem seus interesses, portanto, segue uma linha editorial definida, com suas ideologias e direcionamentos. Apesar de já ter-se autodenominado – através de seu diretoria – aliada do Governo Lula e do partido ao qual o mandatário pertence, a revista *Carta Capital* se diz comprometida com a defesa do interesse do leitor através de uma fiscalização eficaz e crítica do poder aonde ele se manifestar. Mas não foi o que este trabalho constatou através da análise de matérias produzidas pelo periódico sobre as relações internacionais do Brasil no referido governo. Depois de examinar detalhadamente os textos e imagens e confrontá-los com dados fornecidos por leituras de teóricos como Foucault, por exemplo, foi possível detectar sinais de

manipulação e tentativa de direcionamento da opinião do leitor. Este artigo revela que os *frames* produzidos pela *Carta Capital* colocam o presidente Luiz Inácio Lula da Silva na condição de homem de Estado “não-criticável”, o que revela certa tendência “anti-jornalística”. Foram objeto de estudo cinco matérias, publicadas no período compreendido entre novembro de 2009 a abril de 2010.

Palavras-Chave: Persuasão discursiva. Construção de imagem. Governo Lula. Política internacional.

1 Introdução

A pesquisa tem como objetivo mostrar ao leitor a importância de se manter informado sobre as fontes e as tendências das empresas emittentes de mensagens disseminadas pelas emittoras de TVS, rádios, e outros meios de comunicação de massa como internet, jornais e revistas, “bombardeando” o cidadão com os mais variados tipos de notícias e opiniões. Para tanto foram examinadas as edições de nº 573 a 593 da revista *Carta Capital*, com principal enfoque nas matérias que abordam o assunto Políticas Internacionais e, preferencialmente, no que se refere às atuações diplomáticas do presidente Luiz Inácio Lula da Silva com relação aos conflitos mundiais. Foram avaliados não só os discursos textuais, mas também as imagens utilizadas para ilustrar os trextos. O suporte teórico que deu sustentação a este trabalho baseou-se nas discussões sobre Enquadramento e análise de discurso.

O objeto de estudo, *Carta Capital*, é um periódico semanal de informação editado há 15 anos pelo jornalista Mino Carta. A revista tem como enfoque Economia, Política e Cultura, tanto nacional quanto internacional. Um dos instrumentos utilizados para dar embasamento teórico a este trabalho é a obra *Microfísica do Poder*, de Michel Foucault, que aborda sobre as microrrelações de poder existentes nos vários segmentos da sociedade. E considerando essa perspectiva foucaultiana, faz-se necessário apresentar a proposta editorial da revista: “fidelidade à verdade factual, espírito crítico e fiscalização do poder onde quer que ele se manifeste”.

No que diz respeito à verdade, anunciada na página de apresentação do site da *Carta Capital*, é preciso questionar sobre a subjetividade

do conceito, que pode variar de uma comunidade ou corporação para outra. Qual seria essa “verdade”? De acordo com Foucault (1979), cada sociedade tem sua “política geral” de verdade e os próprios meios de definir os tipos de discurso que ela acolhe ou os mecanismos que permitem distinguir os enunciados verdadeiros dos falsos tornando a própria verdade algo muito particular.

Neste sentido, também a *Carta Capital* se vale do poder contido na carga semântica de cada palavra escolhida para compor, através desse discurso, uma imagem de respeitabilidade e idoneidade junto ao seu público. Para completar e fortalecer este quadro, a revista conta com a colaboração de vários profissionais competentes em seu expediente e também colunistas reconhecidos e respeitados no cenário jornalístico do País, como Celso Marcondes, Valter Maierovitchi, Leandro Fortes e outros.

O fundador do periódico e diretor de redação, Mino Carta, deu início a sua carreira em 1950 como correspondente do jornal *Messaggero*, de Roma. Foi instituidor de outras renomadas revistas como *Veja*, *Is-toÉ* e *Quatro Rodas*, além de ter sido fundador do *Jornal da Tarde* até, finalmente, em 1994, viabilizar a criação da revista *Carta Capital*.

A edição nº 578 expõe na página 40, sob o título “Sem volta ao passado”, as mudanças ocorridas no posicionamento diplomático do Brasil através do tempo, fazendo também uma comparação entre o Governo FHC e o atual Governo Lula, na qual o segundo mostra incontestemente vantagem em relação ao primeiro.

Nos anos FHC, o Brasil tinha uma postura de discrição e bom comportamento em relação ao projeto de abertura das potências econômicas do G-7: não deixava de apresentar defesas pontuais e individuais de seu interesse, mas aceitava o essencial da agenda e das prioridades do Norte [...] Seu objetivo era conquistar a confiança dos EUA como pilar da nova ordem internacional imposta pela hiperpotência, conseguindo dessa maneira um assento no Conselho de Segurança da ONU, a posição de poder subalterno e uma maior abertura dos mercados dos países ricos. Nada conseguiu (CARTA CAPITAL, 13/1/2010, p. 40).

Em seguida a esta clara depreciação do desempenho de Fernando

Henrique à frente das negociações internacionais, a revista mostra a virada positiva que ocorreu em 2003, quando o Brasil passou a articular alianças com países do Sul, formando o G-20, abafando as pretensões da América do Norte e provocando o abandono da Alca. A matéria questiona, inclusive, o que o governo sucessor a Lula fará com sua herança, que é uma “projeção mundial inédita”.

A referida revista aponta como positiva a atuação do presidente em suas ações diplomáticas com os outros países, o que teria ocasionado um avanço considerável no grau de independência do Brasil nas relações internacionais, ao contrário do governo de Fernando Henrique Cardoso que ambicionava conseguir, através da concordância, uma posição de poder subalterno junto a ONU.

Porém, o que não foi dito também pesa no jogo de significados sobre o enfoque escolhido pelo periódico. É necessário escutar o não dito, visto que “só uma parte do dizível é acessível ao sujeito e, mesmo o que não se diz, significa em suas palavras” (ORLANDI, 2005, p.34). “De certo modo, sabe-se por aí que há toda uma margem de não ditos que também significam [...] a noção de interdiscurso, a de formação discursiva e a ideologia encampam o não dizer” (IDEM, p. 82). Assim sendo, torna-se conveniente esclarecer alguns pontos que ficaram ocultos no referido documento.

Lula, na essência, é esquerdista e, por isso, tem maior abertura para negociar com países opositores ao regime capitalista. O Governo Lula, apesar de fazer grande esforço para conseguir uma posição definitiva no Conselho de Segurança da ONU, também nada conseguiu. Porém, a história contada sob este viés talvez não fosse tão interessante para a revista e, conseqüentemente, para o PT, quanto maximizar seus feitos e depreciar os do adversário.

Não só nesta matéria publicada na edição nº578, mas em várias outras o periódico defende as qualidades e méritos do presidente Lula através de discurso claro que evidencia a simpatia do veículo, declaradamente petista, em relação ao atual governo.

A Teoria do Enquadramento (*framing*), que também será usada como um dos suportes teóricos para o desencadeamento das análises construídas neste trabalho, parte do pressuposto de que a mídia constrói quadros de referência para serem interpretados e discutidos pelos leitores e telespectadores (SCHEUFELE apud GUTMANN, 2006).

Enquadrar é selecionar alguns aspectos de uma realidade percebida e fazer eles mais salientes no texto comunicativo de modo a promover uma definição particular de um problema, interpretação causal, avaliação moral e/ou um tratamento recomendado para o item descrito (ENTMAN apud GUTMANN, 2006, p. 32).

Porém, Shen (apud GUTMANN), tendo avaliado dois tipos de *frames* utilizados em campanhas políticas, concluiu que os métodos de enquadramento são atenuados pelo conteúdo cultural e a noção prévia dos eleitores do que diz respeito aos temas políticos, presumindo que esses aspectos poderão aumentar ou suavizar os efeitos do *framing*. Ou seja, eleitores com grau mais elevado de conhecimento político e cultural são menos influenciáveis pelos vieses escolhidos para guiar seu julgamento em relação a determinadas notícias. No entanto isso pode variar de acordo com a identificação do leitor em relação ao texto. O sentido depende da estruturação particular das formas cujo reconhecimento pelo receptor é necessário para que se realize efetivamente a troca comunicativa: o sentido é resultado de uma co-intencionalidade (CHARAUDEAU, 2006, p. 27).

Pois as mídias não são mais do que um espelho deformante, ou mais ainda, são vários espelhos deformantes ao mesmo tempo, daqueles que se encontram nos parques de diversões e que, mesmo deformando, mostram, cada um a sua maneira, um fragmento amplificado, simplificado, estereotipado do mundo (IDEM, p. 20).

Neste sentido, através de uma breve análise do objeto de estudo, revista *Carta Capital*, é possível notar – através dos enfoques utilizados nos textos e até mesmo pela escolha temática, gramatical e fotográfica – que esse periódico é direcionado ao público de classe média e/ou alta com prévio conhecimento e interesse por assuntos relacionados à política e, principalmente, às ações do Governo Lula e do Partido dos Trabalhadores (PT). A abordagem utilizada pelos colunistas, geralmente, é opinativa e persuasiva, beirando a agressividade em alguns trechos, que, na maioria das vezes, desqualificam adversários políticos. “Em 2003 o País passou a barganhar como articulador de perfil alto –

menos como empregado – modelo, que se esforça para agradar ao patrão e subir na hierarquia da firma, e mais como um sindicalista”(CARTA CAPITAL, 13/ 01/2010, p. 41).

A foto que ilustra a matéria do exemplar de nº 578, página 40, não traz nenhuma legenda, mas condiz com o propósito de sua vinculação a esta matéria. Trata-se de um forte complemento aos adjetivos utilizados no texto. Na referida imagem Lula ocupa uma cadeira ao lado direito do presidente dos EUA, Barack Obama, e é cercado por vários outros políticos importantes. Seu olhar compenetrado e feições sérias remetem à imagem de um homem ponderado, articulador.

As fotografias, a depender do ângulo selecionado, podem ser manipuladas, sendo provável, inclusive, eliminar outras abordagens do assunto e constatar assim a prioridade do veículo que a divulga. Ao leitor, leigo em edição de fotos, torna-se impossível identificar o viés escolhido pelo editor que a veiculou. “Fotos, manchetes, direcionamento dos textos e contratextos, subtítulos e legendas são estrategicamente pensados e ordenados para chegar àqueles propósitos” (ISSLER, 2002, p. 92).



“A fotografia utilizada no jornalismo compõe um tríptico com o texto e a legenda, resultando num produto final que peca pela redundância ou traduz a endotopia configurada na notícia produzida” (IDEM, p. 89). Neste contexto, torna-se evidente o fato de que o fotojornalismo praticado pela Carta Capital não é isolado em relação ao texto, e sim um discurso adicional que vem fortalecer o sentido da retórica.

Tais objetos simbólicos (cenário, indumentária, imagem e texto) direcionam o imaginário do leitor, que constrói um personagem para o presidente Lula, algo como “aquele que é ouvido e respeitado pelos poderosos”. Isso faz dele, e de cada um dos brasileiros, um poderoso também, já que Lula representa o Brasil. Ou seja, através de Luiz Inácio Lula da Silva, o Brasil se faz respeitar pelo mundo. Ainda de acordo com Issler: “O simbolismo de dignificação da imagem presidencial resulta não só da sua pessoa, como também do figurino e do cenário em que é fotografado” (p.93).

Nota-se o tipo de discurso verbal e visual que foi construído através dos signos no intuito de induzir a uma linha de raciocínio favorável aos interesses do colunista e do veículo de comunicação. Ao mesmo tempo em que insinua uma posição subalterna do País em relação ao mundo durante a gestão de FHC, os enunciados sugerem que Lula acrescentou ao Brasil *status* de articulador, graças a sua vasta experiência como sindicalista.

É preciso estar atento ao discurso para perceber as estratégias utilizadas pelo autor no intuito de convencer, conquistar ou mesmo persuadir o leitor. Não existe a locução desinteressada, apenas algumas intenções são mais sutis em relação às outras, exigindo do receptor da mensagem maior astúcia na observação das entrelinhas.

Do ponto de vista de uma prática analítica os modos de dizer podem ainda ser explicitados em modos de mostrar, interagir e seduzir. Neste sentido, o analista precisa ter a sua disposição conhecimentos e técnicas de análise linguística e semiótica que sejam adequados a sua tarefa (PINTO, 2002, p. 27).

Foucault (2002) também chama a atenção para este ponto:

Não se pode reconstituir um sistema de pensamento a partir de um conjunto definido de discursos. Mas esse conjunto é tratado de tal maneira que se tenta encontrar, além dos próprios enunciados, a intenção do sujeito falante, sua atividade consciente, o que ele quis dizer, ou ainda o jogo inconsciente que emergiu involuntariamente do que disse

ou da quase imperceptível fratura de suas palavras manifestas; de qualquer forma, trata-se de reconstruir outro discurso, de descobrir a palavra muda que percorre o interstício das linhas escritas e, às vezes, as desarruma (IDEM, p. 31).

A data escolhida (janeiro 2010) para vincular esta extensa avaliação comparativa entre os Governos Lula (PT) – FHC (PSDB), que ocupa quatro páginas na revista, não é um fato isolado e aleatório. Estrategicamente é muito interessante para o PT expor seus pontos positivos em um ano eleitoral no qual os pré-candidatos mais fortes são justamente Dilma Rousseff (PT) e José Serra (PSDB).

Todo discurso que ressalte as benfeitorias petistas pode ser de grande ajuda na conquista de votos decisivos a favor da candidata oficialista Dilma Rousseff. Mas a *Carta Capital*, através das palavras de Antônio Luiz M. C. Costa, vai muito além da comparação, que por si só já evidenciaria as boas ações do PT a frente das negociações diplomáticas; ele “ataca” o PSDB através das críticas ao desempenho de FHC neste mesmo setor, deixando evidente, no sentido implícito, a posição defendida pela revista no embate entre os partidos.

Ainda em 2009, o jornal *O Estado de S. Paulo* se queixou da “diplomacia terceiro-mundista, que levou Lula a paragens mais improváveis, onde decerto pode fazer um curso intensivo sobre a diversidade geopolítica e cultural do planeta, sem proveito nenhum para os brasileiros”. Mas até mesmo a oposição deveria estar consciente de que não só a política externa do governo PSDB não atingia seus objetivos, como também deixou de existir o mundo dos anos 90 que a pressupunha e no qual parte das elites brasileiras ainda quer se imaginar [...] Desfez-se o fantasma do Brasil humilhado e ofuscado por Chávez, usado pela oposição em 2006: a América do Sul e o mundo reconhecem a nova liderança (CARTA CAPITAL, 13/1/2010, p.42).

A revista nº 588 traz uma matéria sobre a visita do presidente Lula ao Oriente Médio em uma ocasião das mais tensas. Antônio Luiz Costa inicia o texto afirmando que o atual presidente é o primeiro chefe de

Estado brasileiro, desde o imperador Dom Pedro II, a visitar aquelas terras. Coincidentemente Lula chegou em um dos “momentos de maior tensão em décadas. Ao menos, essa foi a opinião do embaixador de Tel-Aviv, que, em Washington, admitiu estar em meio à maior crise nas relações entre seu país e os EUA em 35 anos” (CARTA CAPITAL, 24/3/2010, p.40).

Ao que tudo indica, os EUA se sentiram insultados pela atitude dos judeus de expulsar palestinos de Jerusalém Oriental para a construção ilegal de casas que acolherão 1,6 mil pessoas judias e anunciou tal decisão, justamente, na ocasião da visita de Joe Biden, vice de Barack Obama, que foi ao País a fim de preparar a reabertura de negociações com os palestinos.

O que se torna evidente nesta matéria é a intenção do periódico de defender a imagem de Lula frente às críticas desferidas pela mídia brasileira em relação ao fato de o presidente se esquivar de uma visita, não programada, ao túmulo do fundador do sionismo Theodor Herzl, armadilha evitada até mesmo por líderes conservadores como Sarcozy e Berlusconi.

[...] Já a imprensa conservadora brasileira, assim como se alinhou aos interesses dos EUA na disputa com o Brasil sobre subsídios ao algodão, preferiu apoiar, nem se diga Israel, mas seus setores mais chauvinistas, com chamadas como “Lula provoca incidente diplomático em Israel” (O Globo), para se referir a uma clara provocação do chanceler Lieberman, ao tentar forçar a inclusão no programa de uma visita não previamente combinada ao túmulo do fundador do sionismo, Theodor Herzl” [...] (CARTA CAPITAL, 24/3/2010, p.41).

Em todas as outras linhas, o texto exalta os feitos do presidente Lula no Oriente Médio: “Israelenses cobram de Lula distância do Irã e, mesmo pressionado pelo Netanyahu e pelo Parlamento Israelense, ele não se dobrou” ou “Foi aplaudido de pé, mais que Bush Júnior, segundo alguns deputados”. Vários outros “afagos” e elogios são atribuídos ao bom desempenho diplomático do petista, sinalizando para o leitor que a passagem do presidente por aquelas terras foi motivo de alegria e admiração para os nativos de lá.

Lula não se deixou humilhar pelos hospedeiros, como comentou Pepe Escobar, no *Asia Times*. Como interlocutor respeitado, disse a israelenses, palestinos e iranianos o que precisavam ouvir e o que a comunidade internacional realmente deseja e fez de fato o papel de ponte, enquanto os governos de Washington, Tel-Aviv e Teerã deixam-se manipular por seus lobbies e seus extremistas para lançar mais gasolina ao fogo. [...] Enquanto Lula era aplaudido por ter pedido a derrubada do muro de bloqueio entre as comunidades, o presidente palestino Mahmoud Abbas, propôs o seu nome para secretário geral da ONU (CARTA CAPITAL, 24/3/2010, p. 41).

A revista confere a Lula uma imagem impoluta, livre de qualquer suspeita ou equívoco que possa torná-lo “ineficiente” ou “patético” – como chega a ser descrito em outros veículos. Toda a retórica utilizada nas matérias se direciona para o mesmo lado: a consagração de Lula e do PT.

De acordo com a *Carta Capital*, tudo que o presidente Lula faz rende bons frutos, colabora para construir projeção internacional, peso geopolítico e papel de “jogador global”. Quem não concorda recebe duras críticas da revista.

Podem até ser inúteis, como o foram até agora, todas as iniciativas em relação a esse conflito, sem exceção. Mas o Itamaraty fez a coisa certa, apesar de o diretor da Folha pensar que deveria ficar de braços cruzados à espera que tudo seja entregue ao Brasil numa bandeja (CARTA CAPITAL, 24/3/2010, p. 41).

As demais matérias encontradas nas edições de números 573 e 574, sendo a primeira intitulada “Em terra de cegos” – sobre a projeção internacional do País – e a segunda “Caiu no colo de Lula” – o caso Césare Battisti – seguem a mesma linha de narrativa e argumentação das demais.

Porém, um artigo encontrado na revista de número 593, sob o título “Unidos na Ribalta”, merece destaque, pela riqueza de significados que

traz em sua ilustração. O texto trata da união entre os países em desenvolvimento: Brasil, Rússia, Índia e China (BRIC) e compara pontos positivos e negativos nas atitudes políticas e econômicas dos respectivos governos, mas, principalmente, ressalta a importância da mobilização de tais países para baixar o nível de emissão de poluentes tóxicos – que cresce cada vez mais em países emergentes – e também para o desenvolvimento econômico mundial. “Um dos motivos da importância dos BRIC é que o país mais influente do mundo acha que eles importam e está disposto a atraí-los para a tomada de decisões. O meio de os norte-americanos fazerem isso é o G20” (CARTA CAPITAL, 28/4/2010, p. 40).

Não há nenhum dado concreto no texto que comprove uma real união entre tais países, apenas especulações baseadas em algumas evidências antecipando fatos que ainda não se concretizaram.

Na quinta-feira 15, os mesmos países em desenvolvimento se reuniram em Brasília. Brasil, Rússia, Índia, China e África do Sul, potências em ascensão que também são democracias, uniram suas cabeças. Além da cúpula dos líderes, há reuniões no Brasil de bancos comerciais, bancos de desenvolvimento e até de grupo de pensadores dos BRIC. O termo foi cunhado por Jim O’Neill, do Goldman Sachs, em Wall Street, e às vezes é considerado apenas um esquema para atrair investidores. Mas será o caso, agora que a vida, de maneira séria, está imitando as análises de investimentos? Os BRIC estão desenvolvendo um momento próprio? Neste caso, que diferença isso poderia fazer para o resto do mundo? (CARTA CAPITAL, 28/4/2010, p. 39)



Mas o que realmente chama a atenção na matéria é a imagem, que atrai os olhos do leitor logo na virada de página, pois, trata não só do que se vê, mas sim de toda a carga de identificações por trás daqueles quatro homens, cada um com seus signos étnicos e religiosos, com os braços e mãos entrelaçados, postura confiante e otimismo no rosto. É impossível evitar um pré-julgamento estereotipado.

Em outras palavras, quando ocorrem encontros de culturas, é provável que a imagem que cada cultura possui da outra seja estereotipada. A palavra “estereótipo” (originalmente uma placa da qual uma imagem podia ser impressa) é um sinal claro de ligação entre imagens visuais e mentais. (BURKE, p. 155, 2004)

Visualmente eles não representam apenas quatro países de economias emergentes, mas quatro povos com histórias distintas e até mesmo semelhantes em alguns pontos, dando ao leitor a esperança de que eles estejam unidos realmente para a construção de uma nova história e talvez a conquista de posição relevante, influente e decisiva nos caminhos definidos para o resto do mundo em reuniões fechadas e restritas aos países ricos.

Ou talvez não seja nada disso, apenas mais uma entre as tantas reuniões que fazem para análises de projetos ou tomadas de decisões que em nada altera a conjuntura do poder em escala mundial. “O trabalho do fotojornalismo utiliza-se do conceito de que a foto é uma notícia dentro da notícia” (ISSLER, p.95, 2002).

Existe uma frase que explicaria o significado de uma foto como esta, desprovida de legenda e inserida numa revista de foco político: “Uma imagem vale mais do que mil palavras. Porém, de acordo com o fotógrafo Antônio Sá” (2007), às vezes se abusa desse conceito.

É como se perante uma boa fotografia as palavras já não tivessem poder para acrescentar algo, o que é completamente falso: as palavras têm sempre o seu lugar; dão sentido e força à imagem, complementam-na, fazem o observador anônimo ir um pouco mais longe (IDEM p.64).

Por isso, talvez a técnica usada pela *Carta Capital* – de não usar legendas nas imagens exibidas – possa causar certos equívocos conceituais no leitor devido à forte carga de signos trazida pela ilustração imagética dos artigos, muitas vezes polêmicos. Mas também não se pode afastar a ideia de que tal escolha seja proposital e o objetivo seja exatamente este.

As escolhas do fotógrafo, quase sempre, manifestam suas opiniões e as da empresa para a qual trabalha. Esses elementos, se bem trabalhados, são capazes de provocar diversas leituras de uma mesma realidade. É o que se pode chamar de “manipulação” da realidade, procedimento que, desde a invenção da fotografia, tem gerado acalorados debates éticos (SILVA, BONI, p. 91, 2005).

2 Considerações Finais

Os exemplares analisados sugerem a manipulação de fotos e textos a fim de favorecer a imagem política do partido apoiado pela revista *Carta Capital* – o PT. Os discursos são tendenciosos, persuasivos e direcionados a um público de nível intelectual e financeiro distinto. Porém, não se pode desprezar o nível dos articulistas e a seriedade que o periódico faz questão de transparecer. A revista conta com o apoio de um público fiel que a considera uma das principais fontes de informação política

confiável do País. Isso também amplia o poder do veículo junto ao seu leitor, tornando ainda mais fácil direcionar a leitura e cria até mesmo a possibilidade de “implantar” opiniões, vender causas e conquistar votos. Por isso faz-se cada vez mais indispensável a aquisição dos instrumentos necessários para a análise crítica dos discursos.

É preciso aguçar os sentidos e estar atento (a) aos sinais a fim de evitar certas “armadilhas” colocadas pela mídia. Quando se sabe qual é a bandeira defendida por determinada empresa da área de comunicação, torna-se ainda mais evidente o quanto é preciso ajuizar até que ponto as informações fornecidas por ela são ampliadas ou minimizadas no intuito de construir ou destruir uma personagem, política ou não. É certo que ao abrir uma revista declaradamente petista espera-se por discursos que favoreçam o partido, mas isso pode ser feito de maneira mais leve, sem fazer uso de ofensas aos adversários e excesso de predicativos aos aliados.

Esse tipo de discurso persuasório e, por vezes agressivo, além de enfraquecer os argumentos deste veículo, que se diz disposto a “fiscalizar o poder onde quer que ele se manifeste”, subestima a capacidade de avaliação e censo crítico do intelectual ao qual se direciona. Burke (2004, p. 180) já alertava para o uso de fórmulas narrativas, principalmente na produção em massa, para surpreender a expectativa do leitor. Porém, é preciso ponderar se realmente é confiável o texto e/ou as imagens contidas no jornal, revista e outros que fazem uso destas fórmulas, para convencer um público, que muitas vezes julgam incauto.

3 Referências

- BLACKBURN, Simon. *Dicionário Oxford de filosofia*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997.
- BURKE, Peter. *Testemunha Ocular*. São Paulo: Edusc, 2004.
- CHARAUDEAU, Patrick. *Discurso das Mídias*. São Paulo: Contexto, 2006.

- COSTA, Antônio Luiz M.C. *Sem volta ao passado*. Carta Capital. Nº 578, pp. 40-43. São Paulo: Editora Confiança Ltda, 2010.
- . *Em terra de cegos*. Carta Capital. Nº 574, pp. 28-32. São Paulo: Editora Confiança Ltda, 2010.
- . *Lula no tempo da cólera*. Carta Capital. Nº 588, pp. 40-41. São Paulo: Editora Confiança Ltda, 2010.
- . *Unidos na Ribalta*. Carta Capital. Nº 593, pp. 38-41. São Paulo: Editora Confiança Ltda, 2010.
- . *Caiu no colo de Lula*. Carta Capital. Nº 573, pp. 36-37. São Paulo: Editora Confiança Ltda, 2010.
- FOUCAULT, Michel. *A Arqueologia do Saber*. 6. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2002.
- . *Microfísica do Poder*. 16. ed. Rio de Janeiro: Edições Graal, 2001.
- GUTMANN, Juliana Freire. *Quadros Narrativos Pautados Pela Mídia: framing como segundo nível do agenda-setting? Contemporânea – Revista de Comunicação e Cultura*. Vol. 4, nº 1, pp. 25-50, junho 2006. Disponível em <<http://www.portalseer.ufba.br/index.php/contemporaneaposcom/article/view/3481>>. Acesso em: 15 abril 2010.
- <<http://www.cartacapital.com.br/app/institucional.jsp?a=4&a2=19>>, acesso em 10 abril 2010.
- ISSLER, Bernardo. *As Máscaras de Barbie: Um Estudo dos Conflitos Simbólicos no Fotojornalismo do Estadão*. In: FILHO, Clóvis de Barros (org.). *Comunicação na Polis: Ensaio Sobre Mídia e Política*. Rio de Janeiro: Vozes, 2002.
- ORLANDI, Eni P. *Análise de Discurso*. 6. ed. São Paulo: Pontes Editores, 2005.
- PINTO, Milton José. *Comunicação e Discurso*. 2. ed. São Paulo: Hacker Editores, 2002.

SÁ, Antônio. *553 palavras = a meia imagem?* Revista Fotodigital – Diário de Bordo, edição nº 58, pp. 64-65. Maio 2007.

SILVA, Cristiane Sabini; BONI, Paulo César. *A trajetória imagética de Lula: de líder sindical a presidente da república*. Discursos Fotográficos. Vol. 1, pp.57-88. Paraná: 2005.